

Conversão da dívida em capital de risco só depende de decisão política

SÃO PAULO — Colocar em prática a conversão da dívida externa brasileira em capital de risco depende, apenas, de uma decisão política do Governo, pois independe de mudanças na legislação vigente. A opinião é do Presidente da Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa), Eduardo Rocha Azevedo, que, no início do mês, entregou ao Presidente José Sarney projeto de conversão elaborado pela Bovespa.

Segundo Rocha Azevedo, "algum tipo de conversão já é feita", mas poderia ser agilizada, se o Governo tomasse decisão nesse sentido. Em um primeiro momento, ele acha que podem ser convertidos 50% dos juros vencidos e a pagar, o que significa, por ano, US\$ 2 bilhões a serem transformados em capital de risco.

Além disso, a seu ver, a medida seria uma forma de atrair recursos externos, "pois, a partir do momento em que o investidor tiver mais confiança no Governo, o dinheiro novo

vai começar a entrar".

O mecanismo de conversão proposto pela Bovespa depende apenas da revogação da Resolução do Banco Central que proíbe a negociação de crédito. A operacionalização ocorreria através da constituição de companhias de investimento formadas com capitais integralizados a partir da conversão da dívida externa brasileira.

A Bovespa está patrocinando a ida, no próximo sábado, de um grupo, formado por representantes de diferentes segmentos da sociedade, à Europa, para conhecer os modelos de privatização adotados na França, Espanha e Inglaterra, para, a partir dos subsídios colhidos, elaborar um projeto de desestatização. Do grupo faz parte um representante da Central Geral dos Trabalhadores (CGT), "pois queremos mostrar aos trabalhadores os benefícios que a privatização traz à economia como um todo", afirmou Rocha Azevedo.